

MARY BALOGH

LIGEIRAMENTE CASADOS

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MARGARIDA LUZIA

ASA

CAPÍTULO 1

Inglaterra, 1814

Os bosques do parque de Ringwood Manor no Oxfordshire eram atravessados a ocidente por um vale repleto de sombra. As águas do regato gorgolejavam sobre o seu leito rochoso, juntando-se a dada altura a um rio maior que delimitava o parque e banhava a povoação vizinha de Heybridge. O vale era sempre tranquilo e encantador. Porém, naquela manhã de maio estava surpreendentemente belo. As campainhas, que por regra só floriam em junho, tinham sido encorajadas a despontar mais cedo pela primavera amena. As azáleas estavam igualmente em flor, tingindo assim as margens inclinadas de tons azuis e rosas. Vivos raios de sol trespassavam os ramos escuros dos altos ciprestes sarapintando o chão de claridade e sombra e fazendo cintilar a água borbulhante do riacho.

Eve Morris estava submersa em flores até aos joelhos. Decidira que a manhã estava demasiado bela para ser gasta nas habituais atividades caseiras ou agrícolas, ou até mesmo na aldeia. As campainhas floriam por tão pouco tempo – e colhê-las para enfeitar a casa fora sempre uma das suas atividades primaveris favoritas. Mas não estava sozinha. Convencera Thelma Rice, a preceptora, a cancelar as aulas por algumas horas para ir apanhar flores com os dois pupilos e o filho. Apesar dos joelhos artríticos e das frequentes faltas de ar,

até a tia Mari as decidira acompanhar. Na verdade, fora ideia sua transformar a ocasião num piquenique improvisado. E estava agora sentada na robusta cadeira que Charlie carregara para ela, com as agulhas de tricotar a tinirem cadenciadamente, com um grande cesto de comida e bebida a seu lado.

Eve endireitou-se para esticar as costas. Um molho de compridos pés de flores enchia o cesto dependurado no seu braço. Com a mão livre, calçou resolutamente o velhinho e mole chapéu de palha, ainda que a larga fita cinzenta que prendia a copa e a aba estivesse bem atada sob o seu queixo. A fita condizia com o vestido, uma singela peça de algodão de cintura subida e mangas curtas, ideal para uma manhã no campo quando não se esperam visitas. A rapariga saboreou então uma consciente sensação de bem-estar. Tinha pela frente os longos meses de verão, verão esse que pela primeira vez em muitos anos não seria ensombrado por qualquer ansiedade. Bem, pelo menos *não muito*. Havia, naturalmente, a questão persistente do que estaria a reter John. O rapaz contara estar em casa em março, ou abril, o mais tardar. Mas regressaria logo que pudesse. Eve estava certa disso. Entretanto, contemplou com plácido contentamento aquilo que a rodeava e os seus companheiros.

A tia Mari não estava a olhar para as mãos atarefadas. Observava antes as crianças, com um sorriso afetuoso estampado no rosto engelhado. Eve sentiu um forte arroubo de ternura por ela. A senhora passara quarenta anos a empurrar vagonetas de carvão ao longo de túneis nos confins de uma mina até o papá lhe ter atribuído uma pequena pensão após a morte do marido, que era tio do papá. Um ano antes, quando o papá já estava muito doente, Eve convencera-a a vir para Ringwood para gozar um pouco a vida.

O pequeno Davy, de sete anos, apanhava afincadamente flores de semblante carregado, como se lhe tivesse sido atribuída uma tarefa de enorme importância. Como sempre, logo atrás dele seguia Becky, a sua irmã de cinco anos, que trabalhava com manifesto deleite e menor concentração, cantarolando distraidamente enquanto o fazia. Parecia ser uma criança segura em relação ao meio que a

rodeava. Como Eve desejava que Davy aprendesse a descontraír da mesma forma, que perdesse a expressão séria e carregada que o fazia parecer mais velho do que de facto era. Eventualmente, e com paciência, tal acabaria por acontecer, pensou a rapariga. Nenhuma das crianças era sua, ainda que tivessem vivido consigo durante os últimos sete meses. A verdade é que não tinham mais ninguém.

Muffin estava junto ao riacho, com três das suas patas precariamente fíncadas em três pedras distintas e a quarta encolhida sob a barriga, com o nariz a escassos centímetros da água rasa. Mas não estava a beber. Julgava-se um reputado cão pescador, ainda que nunca tivesse apanhado sequer um girino. O tolo do bicho!

O jovem Benjamin Rice avançou para a mãe de punho em riste com um molho de azáleas e campainhas bem apertado na mão. Thelma dobrou-se para as apanhar de mãos juntas como se elas fossem um tesouro raro e precioso – como efetivamente eram.

Por uma fração de segundo, Eve sentiu uma certa inveja daquele amor de mãe, mas depressa o escorraçou por não ser digno da sua pessoa. Era um ser verdadeiramente afortunado. Vivia num lugar idílico e estava rodeada de gente com quem partilhava um amor recíproco – a solidão da sua meninice ficara enterrada no passado distante. Dentro de uma semana, por ocasião do primeiro aniversário da morte do papá, poderia pôr de lado o luto aliviado e vestir de novo *cores*. Mal podia esperar. Em breve – a qualquer momento – John regressaria, e então poderia por fim admitir a todo o mundo que estava apaixonada, apaixonada! Qual donzela exuberante, teria de bom grado rodopiado com tal pensamento, mas contentou-se em sorrir.

E havia ainda outra perspectiva que completaria a sua felicidade. Percy viria para casa. Na sua última carta, escrevera que teria licença assim que pudesse, e o momento chegara com certeza. Há pouco mais de uma semana Eve ouvira as gloriosas notícias de que Napoleão Bonaparte se rendera às forças aliadas em França e que as longas guerras tinham por fim terminado. Sabendo o que tais notícias significariam para ela – o fim de longos anos de ansiedade temendo

pela segurança de Percy –, James Robson, um seu vizinho, fora pessoalmente a Ringwood para lhe dar as novidades.

Eve curvou-se para apanhar mais campainhas. Queria poder colocar um vaso cheio em cada divisão da casa. Iriam todos celebrar a primavera, a vitória, a segurança e o fim do luto com cor e fragrância. Se *ao menos* John chegasse!

– Quem é que já trincava qualquer coisinha? – indagou, passado algum tempo, a tia Mari no seu pronunciado sotaque galês. – Estou exausta só de vos ver.

– Eu – gritou Becky, saltitando alegremente até junto do cesto e pousando as suas flores ao lado da tia Mari. – Estou esfomeada.

Davy endireitou-se, permanecendo, indeciso onde estava, como se suspeitasse que a oferta seria retirada caso se movesse.

Com a sua orelha e meia arrebizadas e o passo balanceado, *Muffin* subiu a margem do ribeiro, latindo enquanto o fazia.

– Também deves estar esfomeado, Davy – disse Eve, avançando em direção ao petiz, pondo-lhe o braço sobre os ombros magros e arrastando-o com ela. – És um excelente trabalhador. Apanhaste mais flores do que qualquer um de nós.

– Obrigado, tia Eve – respondeu ele com gravidade. Continuava a pronunciar o nome dela com algum embaraço, como se achasse uma impertinência tratá-la de forma tão familiar. Exceituando um longínquo e ténue laço de parentesco por afinidade, Davy e Becky não lhe eram nada. Mas como podia Eve consentir que duas crianças pequenas a crescer na sua casa a tratassem por Miss Morris? Ou que tratassem a tia Mari por Mrs. Pritchard?

Thelma estava a rir. Com um dos braços repleto de flores e Benjamin no outro, fora incapaz de o impedir de lhe empurrar o chapéu para trás, fazendo-lho cair da cabeça.

A tia Mari abrira o cesto e estava a tirar para fora pãezinhos acabados de fazer, que tinham sido cuidadosamente embrulhados num pano de cozinha. O odor a fermento que deles exalava e o cheiro do frango frito fizeram Eve aperceber-se da fome que realmente

tinha. Ajoelhou-se então na manta que Davy e Becky tinham estendido sobre a erva e pegou numa grande garrafa de limonada.

Os dez minutos de quase absoluto silêncio que se seguiram ilustraram bem o esforço despendido por todos e a perícia culinária de Mrs. Rowe, a cozinheira de Eve. Por que razão saberia a comida sempre melhor fora de portas? Eve pensava nisto enquanto limpava as pontas gordurosas dos dedos num guardanapo de linho após devorar um segundo pedaço de frango.

– Quer-me cá parecer – disse a tia Mari – que será melhor arrumar a trouxa e levar todas estas flores para casa antes que murchem. Se tiverem a bondade de me passar a bengala depois de eu guardar a lã e as agulhas no saco, levanto já os meus velhos ossos.

– Oh, já? – protestou Eve com um suspiro, enquanto Davy se esforçava para oferecer a bengala.

Mas nesse preciso instante alguém gritou o seu nome.

– Miss Morris – chamou a voz com ofegante urgência. – Miss Morris!

– Ainda aqui estamos, Charlie. – E a rapariga virou-se, ficando de frente para um rapaz corpulento de feições jovens que descia pesadamente a margem vindo dos lados da casa, aproximando-se do grupo com o seu habitual andar desastrado. – Não tenhas pressa, ou ainda escorregas e te magoas.

Ainda que Ringwood não precisasse de mais empregados, Eve contratara-o alguns meses antes para fazer pequenos arranjos na casa, nos estábulos e no parque. Ninguém se dispusera a oferecer trabalho a Charlie após a morte do pai, o ferreiro da aldeia, já que o rapaz era normalmente descrito como um imbecil. Até mesmo o pai o tratara a vida inteira como um cepo inútil. Mas Eve nunca conhecera ninguém com tanta vontade de trabalhar e de agradecer.

– Miss Morris. – O rapaz estava corado e a arfar quando se aproximou o suficiente para transmitir a sua mensagem. Sempre que Charlie era incumbido de um recado, comportava-se como se tivesse sido enviado para anunciar o fim do mundo ou algo igualmente

catastrófico. – Mrs. Fuller... Mandou-me... Para a chamar de volta a casa... – E entre cada curta frase esforçava-se por respirar.

– Ela disse porquê, Charlie? – indagou Eve, levantando-se sem pressas e sacudindo a saia do vestido. – Vamos mesmo regressar.

– Apareceu alguém – afirmou Charlie, ficando depois muito quieto com os seus grandes pés bem fincados no chão, a testa muito franzida num visível esforço de concentração, tentando recordar-se de algo. – Não me lembro do nome dele.

Eve sentiu o coração saltar-lhe de excitação. Seria *John*? Mas nos últimos dois meses já tivera tantas desilusões que era melhor não pensar em tal possibilidade. Na verdade, começava já a pensar se ele alguma vez chegaria, se alguma vez pretendia fazê-lo. Mas ainda não se sentia preparada para concluir algo assim tão drástico, logo, tratou de afastar tais pensamentos.

– Bem, não importa – disse alegremente. – Em breve irei descobrir. Obrigada por trazeres tão prontamente o recado, Charlie. Importas-te de levar de volta a cadeira de Mrs. Pritchard e depois regressares para buscar o cesto?

O rapaz sorriu de orelha a orelha face à perspetiva de ser útil, posicionando-se cuidadosamente de forma a arrebatá-la a cadeira assim que a tia Mari se levantasse. Em seguida virou-se para Eve com um sorriso luminoso e triunfante.

– É alguém militar – afirmou. – Vi-o antes de Mrs. Fuller me mandar chamá-la e estava a usar um daqueles uniformes vermelhos.

Um militar.

– Oh, Eve, minha querida – exclamou a tia Mari, mas a rapariga nem sequer a ouviu.

– *Percy!* – clamou ela numa explosão de alegria. E, esquecendo cesto, flores e companheiros, agarrou nas saias com ambas as mãos e começou a correr colina acima, deixando a tia, Thelma e Charlie para recolherem as flores e as crianças.

A casa não ficava longe, mas o percurso era quase todo a subir. Mas Eve mal reparou. E também não reparou que *Muffin* perfez toda a distância correndo ofegante a seu lado. Galgou o vale num

ápice, atravessando em seguida o bosque, contornando o lago dos nenúfares e subindo depois os relevados que davam acesso aos estábulos. Passou a correr pelos edifícios e atravessou o terraço empedrado sobranceiro à fachada da casa. Quando por fim transpôs as portas, irrompendo pelo vestíbulo, estava corada, ofegante e por certo assustadoramente desgrenhada, até mesmo vergonhosa. Mas não estava de todo preocupada. Percy não se iria importar.

O tratante! Não avisara que estava para chegar. Mas tal agora não importava. E as surpresas eram algo maravilhoso – pelo menos as *boas*. Percy estava em casa!

– Onde está ele? – perguntou ela a Agnes Fuller, a sua governanta, que a esperava no vestíbulo, com a sua figura maciça, sólida, e rosto comprido e anguloso. Era próprio de Percy querer mantê-la assim em suspense, não correndo simplesmente ao seu encontro para a levantar e abraçar com força.

– Na saleta – respondeu Agnes, girando o polegar para a direita. – Sai daqui, cão, não entras sem as patas lavadas! Será melhor subir primeiro, minha querida, e lavar a...

Mas Eve nem sequer a ouviu. Precipitou-se sobre o chão axadrezado do vestíbulo, empurrou vigorosamente a porta da saleta de visitas e entrou de rompante.

– Seu desgraçado! – bradou, desfazendo o nó da fita do chapéu. Mas logo se imobilizou, sentindo-se intensamente mortificada. Afinal não era Percy. Era um estranho.

O homem estava de pé em frente à lareira apagada, virado de frente para a porta. E parecia encher metade da divisão. Aparentava ter uns bons dois metros, com o traje militar completo, a casaca escarlate e os adornos dourados imaculados, as calças brancas impecáveis, as botas negras de montar de cano alto irreprensivelmente polidas, e a espada embainhada a reluzir junto ao flanco. Parecia largo e sólido, poderoso, ameaçador. Tinha um rosto severo e marcado, com a gravidade acentuada pelo cabelo e sobrolhos escuros. Era um rosto sombrio, de olhos duros, quase negros, um enorme nariz adunco e lábios finos de recorte cruel.

– Oh, mil perdões – balbuciou Eve, apercebendo-se súbita e penosamente da sua aparência desgrenhada. Removeu então o chapéu – o seu velhinho e disforme chapéu – e segurou-o junto ao corpo. O seu cabelo devia estar achatado e despenteado. Devia estar coberta de ervas e bocados de flores. Devia ter o rosto sujo. *Por que razão* não se detivera para questionar Agnes sobre a identidade do militar que chegara? E *porque* estava ele ali? – Tomei-o por outra pessoa.

O estranho contemplou-a demoradamente antes de se inclinar numa respeitosa vénia.

– Presumo que seja Miss Morris – afirmou.

Eve retribuiu o cumprimento, inclinando por sua vez a cabeça.

– Receio que esteja em vantagem, senhor – respondeu ela.

– O empregado que me foi chamar esqueceu o seu nome.

– Coronel Bedwyn, ao seu dispor, minha senhora – afirmou o homem.

A rapariga reconheceu de imediato o nome. Podia até completar o que faltava. Estava perante o coronel Lord Aidan Bedwyn, o superior de Percy. Se já antes se sentira terrivelmente mortificada, desejava agora que um buraco negro se abrisse sob os seus pés e a engolisse inteira.

Mas não demorou muito a perceber que o embaraço era a menor das suas preocupações. Ele era o *oficial superior de Percy*. E estava parado na saleta de visitas de Ringwood envergando o uniforme de gala completo. Não era necessário indagar porquê. E nesse instante Eve *soube*. Sentiu a cabeça gelar, como se todo o sangue tivesse abandonado a parte superior do seu corpo. Até mesmo o ar nas suas narinas parecia gelado. Inconscientemente, deixou cair o chapéu para o chão e, com ambas as mãos, fechou a porta atrás de si, procurando depois a maçaneta e agarrando-a com força.

– O que posso fazer por si, coronel? – ouviu a sua própria voz dizer como se estivesse muito longe dela.

Ele observou-a intensamente sem denotar qualquer emoção.

– Sou o portador de tristes notícias – afirmou por fim. – Há alguém que gostasse de chamar?

– O Percy? – O nome saiu-lhe num murmúrio. Certa parte da sua mente conseguia facilmente imaginar aquele homem a empunhar o gélido e pesado aço que lhe adornava o flanco. A matar com ele. – Mas as guerras estão a acabar. Napoleão Bonaparte foi derrotado. Rendeu-se.

– O capitão Percival Morris tombou no campo de batalha em Toulouse, no Sul de França, no dia dez de abril – disse o coronel. – Teve uma morte heroica, minha senhora. Lamento profundamente a dor que tal lhe irá causar.

Percy. O seu único irmão, que ela idolatrara durante a infância, adorara ferozmente durante a adolescência – durante a qual ele se mostrara inquieto e rebelde e em constante conflito com o papá. O irmão que ela amara incondicionalmente durante os longos anos de afastamento que se tinham seguido à sua partida, e durante os quais usara a inesperada herança que lhe fora deixada por um tio-avô materno para adquirir uma patente num regimento de cavalaria. E ele retribuía esse mesmo afeto, amando-a com alegria e generosidade. Há menos de duas semanas, Eve recebera uma carta sua – de França.

«O capitão Morris tombou no campo de batalha...»

– Não se quer sentar?

O coronel aproximara-se um pouco, embora não a estivesse a tocar. Pairava sobre ela, gigantesco, escuro, ameaçador.

– Está muito pálida. *Posso* chamar alguém para a ajudar, minha senhora?

– Ele está morto?

Percy morrera há quase um mês e ela não soubera. Não suspeitara sequer. Estava morto há duas semanas quando recebera a sua carta, morto há mais de duas semanas quando James trouxera a notícia da vitória e ela se sentira tão aliviada.

– Ele sofreu?

Ah, que pergunta mais insensata.

– Não creio, minha senhora – afirmou o coronel.

O oficial não recuara minimamente e Eve sentia-se sufocada, com falta de ar. Montado no seu cavalo, de espada em punho, devia ser verdadeiramente assustador.

– Ocorre com frequência um choque misericordioso que impede os moribundos de sentirem as dores das suas feridas. Estou convicto de que esse foi o caso do capitão Morris. Não parecia estar a sofrer e não o referiu.

– *Referiu?* – Eve olhou-o de forma penetrante. – Ele falou? Consi-
sigo?

– Os seus derradeiros pensamentos e palavras foram-lhe dirigidos – respondeu ele, inclinando a cabeça. – E suplicou-me que lhe transmitisse pessoalmente a notícia.

– Foi muito gentil da sua parte honrar tal pedido – afirmou ela, apercebendo-se de repente do quão inusitado era o oficial superior de Percy ter-se dado ao trabalho de vir pessoalmente do Sul de França para a informar da morte do irmão.

– Devo a minha vida ao capitão Morris – explicou ele. – Há dois anos, na batalha de Salamanca, ele salvou-me num ato de extraordinária coragem e considerável risco para a sua segurança pessoal.

– Ele disse mais alguma coisa?

– Pediu que não usasse luto por ele – disse o coronel. – Creio que acrescentou que já o fizera em demasia.

Os olhos do coronel fixaram o vestido cinzento da rapariga, indumentária que ela ansiava trocar dentro de uma semana por algo mais colorido, mais apropriado para a estação. Mas já não importava.

O seu irmão partira. Para sempre.

Eve estava subjugada pela dor, cega, ensurdecida pela insuportável agonia da perda.

– Minha senhora? – O coronel deu mais meio passo em frente e esticou a mão como se pretendesse segurá-la pelo braço.

A rapariga recuou.

– Mais alguma coisa?

– Ele pediu-me para a proteger – acrescentou ele.

– Para me *proteger*? – Os olhos de Eve elevaram-se de novo para o rosto do coronel. Era como granito, pensou ela. Destituído de calor, de expressão, de sentimento. Se havia um ser humano por detrás da dura fachada militar, era indetetável. Mas talvez estivesse a ser injusta. Ele aproximara-se como se pretendesse ajudá-la e estendera uma mão para ela se puder apoiar. E *tinha vindo* desde o Sul de França para honrar a promessa que fizera a Percy.

– Aluguei um quarto na estalagem Three Feathers em Heybridge – disse ele. – Pretendo demorar-me até amanhã, minha senhora. Na minha próxima visita, informar-me-á de como poderei servi-la. Mas para já necessita da assistência de pessoas que lhe sejam familiares. Está em choque.

O coronel desviou-se para o lado e puxou a corda da sineta que pendia ao lado da porta. *Estaria* ela em choque? Sentia-se perfeitamente segura das suas faculdades. E interrogou-se até se a dita sineta ainda funcionaria, pois não se recordava da última vez que fora usada. Apercebeu-se igualmente de que *caso* funcionasse e *caso* Agnes lhe respondesse, ela teria de se mexer. Estava ainda encostada à porta com as mãos agarradas à maçaneta como se a sua própria vida dependesse disso. Achava que não ia conseguir mover-se caso tentasse. O universo despedaçar-se-ia num milhão de estilhaços. Afinal, talvez não estivesse assim tão capaz.

Percy estava morto.

Agnes respondeu à chamada com enorme prontidão. Num gesto firme, o coronel agarrou Eve pelo braço mesmo a tempo de a desviar no instante em que a porta se abriu.

– Há alguém que possa chamar para ajudar Miss Morris? – perguntou ele, embora, na verdade, as suas palavras fossem mais uma ordem seca do que um pedido cortês. – Caso haja, faça-o sem demora.

Agnes, com o seu jeito muito próprio, limitou-se a virar a cabeça e a berrar:

– Charlie! Estás a ouvir, *Charlie*? Pousa a cadeira e vai a correr buscar Mrs. Pritchard. Diz-lhe para se apressar. Miss Morris precisa dela. *Já!*

– É melhor sentar-se antes que desmaie – disse o coronel. – Nem nos lábios tem cor.

De forma obediente, Eve deixou-se afundar na cadeira mais próxima, e ficou rigidamente sentada, sem tocar com as costas no espaldar e com as mãos firme e penosamente entrelaçadas sobre o regaço. Coitada da tia Mari, pensou então a rapariga – «diz-lhe para se apressar». Depois, ouviu o eco de algo que o coronel dissera um minuto ou dois antes.

«...informar-me-á de como poderei servi-la.»

– Não há nada que possa fazer por mim, coronel – afirmou Eve. – Não há de todo necessidade de se submeter ao desconforto de uma estalagem rural. Mas agradeço a sua oferta. E por ter empreendido tão longa viagem. É muito gentil.

Mas como era possível – interrogou-se a rapariga, vendo Agnes apanhar o seu chapéu e segurá-lo contra o peito com o semblante ferozmente franzido – proferir mundanas gentilezas *estando Percy morto*? Sentiu então a dor aguda das próprias unhas a enterrarem-se-lhe nas palmas das mãos.

– Os serviços da mais humilde estalagem rural são verdadeiros luxos para alguém acabado de regressar de uma campanha militar, minha senhora – disse o coronel. – Não precisa de se preocupar com o meu conforto.

Não lhe oferecera qualquer bebida, pensou a rapariga no minuto ou dois de silêncio que se seguiram enquanto Agnes, ao contrário do coronel Bedwyn, a fixava atentamente. Ele retomara o seu pouso junto à lareira, de costas para a abertura vazia. Eve nem sequer o convidara a sentar-se.

Antes da conversa poder ser retomada, a tia Mari, ainda de chapéu na cabeça, entrou de rompante na saleta, com a bengala a imprimir uma urgência ritmada pelo chão e os olhos muito abertos de desânimo, como se já soubesse o que se passava. Charlie devia ter-se esmerado para transmitir a sensação de catástrofe. Eve levantou-se de imediato.

– Miss Morris precisa de si, minha senhora – disse o coronel Bedwyn sem esperar que se fizessem apresentações. – Receio ter sido o mensageiro de tristes notícias respeitantes ao seu irmão, o capitão Percival Morris.

– Oh, minha pobre querida.

A tia Mari avançou para a rapariga e tomou-a nos braços. A sua bengala caiu por terra. Eve apoiou a testa no ombro ossudo da tia, retirando por um breve instante algum conforto do contacto humano com alguém familiar, alguém que a amava, alguém que remediaría tudo caso pudesse. Mas ninguém podia remediar o sucedido. Ninguém podia trazer Percy de volta. E o desespero envolveu-a como uma nuvem negra.

Quanto tornou a erguer a cabeça, os olhos da tia estavam cheios de lágrimas e os lábios tremiam-lhe num visível esforço para conter as emoções. *Muffin* estava parado junto aos seus pés, agitando o que lhe restava da cauda, com uma expressão pesarosa. Agnes continuava presente, ainda agarrando o chapéu de Eve e parecendo pronta a lutar com um ou mais dragões caso alguém lhe indicasse onde estavam. Thelma, de olhos esbugalhados de tristeza, também ali estava, embora não houvesse sinal das crianças. A ama Johnson devia tê-las levado para cima.

O coronel Lord Aidan Bedwyn tinha partido.

